

Krahô, um cotidiano de miséria

Odair José Alves

Enquanto nos gabinetes em Brasília os constituintes votavam, no último dia 2, o capítulo que vai tratar na nova Constituição dos direitos dos índios, nas nove aldeias Krahô existentes no município de Goiânia, na divisa de Goiás com o Maranhão, os deputados Antônio Carlos Moura e Carlos Rosenberg e mais cinco jornalistas constatarem pessoalmente que a fome, a miséria e a desagregação aumentam a cada dia entre os 1.150 índios que vivem na região. A um calor de quase 40 graus e a 1 mil 400 quilômetros da Capital Federal, os Krahô nem sabiam que o destino deles estava sendo definido pela Constituinte. Alheios também estavam à criação do Estado do Tocantins, a que eles passarão a pertencer.

De um lado, parte dos Krahô reclama da falta de assistência da Funai e, de outro, a Funai alega que em algumas aldeias, especialmente na de Galheiros, os índios recusam a ajuda daquela instituição. Nas conversações mantidas com os funcionários da Funai, com os caciques e as famílias das várias tribos, ficou comprovado que as divergências nos métodos aplicados pela Funai e o CTI (Centro de Trabalho Indigenista) têm contribuído para a desunião entre os Krahô. Enquanto a Funai busca educar os silvícolas sob um regime tutelar e autoritário, o CTI defende um regime de total liberdade e de ampla autonomia.

Na aldeia Galheiros, onde o CTI desenvolve maior ação no seu trabalho de educação e assistência aos Krahô, já não se

permite mais a presença dos funcionários da Funai. Em razão disso, a Funai se recusa também a dar qualquer tipo de assistência, inclusive médica, aos índios daquela aldeia.

Esta questão foi comprovada durante a visita dos deputados a Itacajá, cidade onde foi montada a central de depoimentos durante dois dias, para saber a verdadeira realidade de vida dos Krahô. Uma criança, filha do índio Hapohi, de Galheiros, só foi atendida pelo médico credenciado da Funai com a interferência dos deputados e dos jornalistas.

Na opinião do cacique da aldeia, que reúne cerca de 110 índios, Aleixo Krahô, a Funai virou as costas para a aldeia Galheiros "por inveja do trabalho que realiza o CTI".

Outro fator que tem contribuído para ampliar as divergências entre os Krahô e a Funai, verificado nos depoimentos dos índios e dos dirigentes do órgão, é a falta de formação ou de qualificação dos funcionários nomeados para chefes dos postos indígenas. Dos quatro chefes de postos na área Krahô, apenas um tem formação para trabalhar nesta área e a maioria, inclusive o administrador regional da Funai, Rildo Fernandes da Silva, que despacha de Araguaína, está há menos de dois anos no órgão.

O cacique Oscar, da Aldeia de Pedra Furada, onde vivem cerca de 130 índios da família Krahô, também denunciou que sua aldeia está completamente abandonada. Estão faltando alimentos, não há remédios e a escola não está funcionando. "A Funai quer acabar com os índios. Ela não atende o índio. O chefe do posto não pisa na aldeia. A Funai diz que não tem dinheiro, e se não tem dinheiro, por que não acabar com a Funai?", questiona o cacique Oscar.

O índio Secundo, que está respondendo pela aldeia Manoel Alves Pequeno, denuncia que a Funai só presta assistência à aldeia de Pedra Branca. De acordo com suas declarações, a Funai não está enviando alimentos e nem atende aos seus pedidos de assistência médica. Para sair da aldeia e chegar à cidade de

Itacajá os índios da Manoel Alves Pequeno têm que caminhar cerca de oito quilômetros a pé e atravessar o rio do mesmo nome. Nesta aldeia existem 106 índios, entre crianças e adultos.

Na aldeia de Santa Cruz, com uma população de 200 pessoas, há uma pequena dissidência que não apoia o trabalho da Funai. Pelo que se observou, esta dissidência, comandada pelo índio Milton, poderá dar origem a uma nova aldeia. Esta idéia chegou mesmo a ser lançada por ele. Enquanto a fundadora da Santa Cruz, a índia Honorinda e o cacique Isaac garantem que tudo está bem e que a Funai está atendendo bem, o dissidente Milton e mais seis índios asseguram que os habitantes dali estão passando fome e sem qualquer assistência.

Da família dos Krahô, Pedra Branca é a maior aldeia. Ali vivem cerca de 500 índios, entre adultos e crianças. Foi da Pedra Branca que saíram alguns Krahô que vivem hoje em outras aldeias. Por esta razão é a que recebe melhor assistência da Funai. E, talvez, a única que realmente recebe assistência do órgão que cuida da política indigenista na área. Esta situação ficou bastante evidente por ocasião da visita dos deputados Carlos Rosenberg e Antônio Carlos Moura, no início deste mês. Foi a única aldeia em que os funcionários da Funai fizeram questão que os dois parlamentares e a comissão de jornalistas que os acompanhavam fossem visitar. Ali a escola e a farmácia



Longas caminhadas atrás de ajuda

estão instaladas em prédios de alvenaria.

Talvez por ser ela a aldeia-mãe, as grandes decisões dos Krahô são tomadas ali. O exemplo disso foi a grande caminhada que o velho cacique Pedro Penon, fez a São Paulo para recuperar a famosa machadinha kyire, o símbolo mais importante da tribo Krahô.

Na visita realizada pelos jornalistas juntamente com os dois deputados, foi possível observar a grande liderança de Penon. E, na verdade, a autoridade de maior respeito entre os Krahô e os funcionários da Funai. Sempre que é questionada a ação da Funai, ele se prontifica a defendê-la, dizendo que tudo está bem, todos estão trabalhando que nada tem contra o órgão e que sabe das dificuldades e da falta de recursos que a Funai enfrenta.

A exceção de Pedra Branca e Santa Cruz, a situação é praticamente a mesma nas aldeias de Manoel Alves Pequeno, Pedra Furada, Cachoeira, Rio Vermelho, Galheiros, Morro do Boi e Lagoinha: falta praticamente tudo.



Sem animais para caçar ou pescar, os índios convivem com a fome e a miséria, denunciando falta de assistência



Os hábitos são mantidos



A comunidade ainda unida

Viagem rumo aos problemas

Sem saber que teriam de andar a pé, atravessar rio numa pequena canoa feita de madeira e suportar a carroceria de uma velha camionete e a poeira das estradas, mas dispostos a enfrentar tudo para conhecer in loco a vida que leva os índios da reserva Krahô, os deputados Carlos Rosenberg e Antônio Carlos Moura, que integram a CPI do Índio da Assembléia Legislativa, acompanhados de cinco jornalistas e um assessor, viajaram até Itacajá, no último dia primeiro.

Logo de início tiveram duas gratas surpresas: a primeira, a oportunidade de inaugurar o novo aeroporto da cidade, fato de que só tomaram conhecimento quando chegaram à casa do prefeito Masolene Rocha; e, segundo, encontrar logo depois um grupo de 10 índios da aldeia do Morro do Boi, que viajou a pé, das 6 horas até meio-dia (cerca de 30 quilômetros) para saber o que os parlamentares teriam para lhes oferecer. Apenas uma decepção: apesar de terem sido avisados antes, ninguém da Funai ou da Prefeitura aguardava a comitiva no aeroporto, que fica a mais de oito quilômetros da cidade. Mesmo assim, não tiveram dificuldade para se deslocar, pois um fazendeiro que passava por ali se prontificou a proporcionar aos visitantes uma carona.

Ávidos por uma solução para os seus problemas, os caciques e vários índios e índias conduzindo até crianças (mais de sessenta) se concentraram no Salão de Festas da Prefeitura para ouvir as mensagens que os deputados levaram para eles.

Muito amáveis e dóceis, os Krahô dispensaram o melhor atendimento aos deputados, não apenas durante os longos e cansativos depoimentos de mais de sete horas seguidas, mas também nas visitas que fizeram às aldeias de Pedra Branca e Manoel Alves Pequeno.

Pela amabilidade característica dos Krahô, não foi difícil para os deputados Antônio Moura e Carlos Rosenberg conscientizá-los de que eles estavam ali para ouvir suas reivindicações e não para solucionar-las. Os dois parlamentares deixaram claro que somente algumas questões eles poderiam ajudar a resolver.

A própria população de Itacajá mantém o melhor e mais amigável relacionamento com os índios. O grande problema, conforme disse o dono de uma loja, responsável pelo abastecimento de grande parte das aldeias, é o alcoolismo. Apesar da proibição de venda de bebidas alcoólicas aos índios, elas estão sempre presentes entre eles. Os comerciantes de Itacajá afirmam desconhecer a origem dessas bebidas, mas a cachaça sempre aparece.

As denúncias dos funcionários da Funai, do Prefeito e de alguns comerciantes são de que as bebidas são levadas à aldeia por ex-funcionários da Funai e que hoje atuam na área, especialmente na aldeia do Galheiros, a serviço do CTI.

Durante os depoimentos e conversações com os índios, um fato ficou comprovado, na avaliação dos deputados Antônio Moura e Carlos Rosenberg: a falsidade nas denúncias de que existem plantações, consumo e tráfico de maconha nas aldeias dos Krahô. Apesar da insistência dos funcionários da Funai em dizer que existe a droga na área, ninguém conseguiu provar nada. As afirmações dos funcionários da Funai de existência de maconha na reserva e nas aldeias foram todas contestadas frente a frente pelos caciques. O prefeito e os habitantes de Itacajá também disseram que a notícia existe, mas ninguém teve provas concretas do fato.

Para atender a todas as tribos de sua responsabilidade - Krahô, Xerente, Apinajé e Karajá de Xambioá - a Regional de Araguaína conta com 23 veículos, dos quais seis estão estragados, e 103 funcionários. Para assistência dentária existe apenas um dentista que atende em Araguaína.

A preservação da cultura

Apesar das opiniões divergentes em relação ao atendimento prestado pela Funai, os índios Krahô mantêm-se unidos na defesa de suas tradições, usos e costumes e na preservação de sua cultura. Todas as aldeias promovem periodicamente a Festa da Batata, e preservam o hábito de furar as orelhas dos meninos e pintar o corpo com a tinta do urucum e óleo do jenipapo.

Mas a grande demonstração de sentimento comum em preservar e valorizar a cultura indígena da nação Krahô ocorre na realização da Festa da Machadinha, quando são entoados os cânticos e promovidas as danças símbolos da cultura daquela família indígena. Este ano a festa está programada para o dia 27 de setembro na aldeia Pedra Branca. O coordenador, o velho cacique Pedro Penon, já anunciou que quer reunir, não apenas os índios das aldeias Krahô, mas, se não todos, pelo menos representantes de todas as tribos existentes em Goiás.

Penon conta que a Festa da Machadinha não tem tempo determinado de duração. "Ela só termina quando acaba a comida", diz ele, acrescentando que esta é a maior festa do povo Krahô.

A Fome

A maior responsável pelo crescimento da fome entre as famílias Krahô é a indisposição delas em trabalhar dentro do regime imposto pela Funai, sem qualquer autonomia ou liberdade para discutir os projetos e suas formas de execução. Em segundo lugar aparece a falta da caça e da pesca. Mesmo ocupando uma área de 320 mil hectares, a reserva dos Krahô já quase não possui qualquer tipo de caça e de pescado. Até os pequenos pássaros como a rolinha estão desaparecendo.

Apesar da insistência da Funai

em fazer com que os Krahô produzam os alimentos para sua subsistência, os índios não aceitam os métodos tutelares impostos pelo órgão e acabam deixando de trabalhar, passando a viver exclusivamente às custas do Governo Federal e exigindo que a Funai lhes forneça alimentos, remédios e transportes.

Mesmo defendendo maior autonomia e mais liberdade para seu trabalho, inclusive o direito de opinar sobre os projetos ideais para sua subsistência, os índios de Krahôândia colheram, este ano, 250 toneladas de arroz e possuem cerca de 100 hectares de plantações de mandioca, quantidade insuficiente para alimentá-los até a próxima colheita.

Com contraste com a falta de alimento, a Funai enfrenta um sério problema, conforme revelou o Administrador Regional Rildo Fernandes da Silva: o hábito que os Krahô têm de comer permanentemente. Ele e os chefes dos postos indígenas (PIN-Krahô) contam que enquanto existe alimento eles estão comendo. Só param quando acaba a comida. "Se levar para qualquer aldeia a carne de um boi, por exemplo, enquanto ela não acabar, eles não param de comer", afirma Rildo Fernandes.

Na tentativa de vencer este desafio, a Funai está implantando na reserva, próximo à aldeia Pedra Branca, um projeto pecuário e um de piscicultura. Para o primeiro, já foram adquiridas 40 matrizes e dois reprodutores. A criação de peixes ainda está na fase de construção de uma represa. O difícil para a Funai, na execução desses projetos, como disseram os funcionários, é convencer os índios a manter os plantéis. Em tentativas anteriores, os Krahô mataram todo o gado para comer, embora eles neguem este fato.



Crescendo com o nosso apoio



Escoramentos metálicos

Homenageando quem sempre apoiou a sua qualidade na nossa tecnologia.

AVISO À PRAÇA

Comunicamos que o Sr. Mauro José Roberto Baccellar, não é mais nosso representante nesta praça motivo pelo qual não nos responsabilizamos por qualquer ato por ele praticado a partir desta data, tendo sido revogado seu mandato de procuração através do 16º ofício de notas da cidade do Rio de Janeiro, conforme livro 390, fls. 68.

RIOFORTE S.A.

A DIRETORIA

PC Polymax por Cz\$ 449.673,00

Os primeiros serão os únicos

Exclusivamente na **HEPCOM INFORMATICA**

Rua 132 n° 21 Setor Sul - Tel.: 241-0876 Goiânia-GO

À vista ou 1+2 de 180.480,00

2 drives - monitor - teclado

Promoção válida até 30/06/88. O encerramento é definitivo.